



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

DIA DE EXAMES

POR DYNETTE

Desenhos de CASTAÑE

A MEUS PAIS



ARMANDO e Alberto eram compa-
nheiros de carteira.

O primeiro frequentava a escola havia um ano; lá fizera o primeiro exame, todos os seus condiscípulos eram seus amigos, como amigos eram os seus professores. Muito cumpridor dos seus deveres, sempre respeitador, era garoto como outro qualquer, alegre e brincalão, mas as suas brincadeiras sossegadas, a sua

Os professores tratavam-no delicadamente mas sem amizade, e, à hora alegre do recreio, os grupos formavam-se em jogos e brincadeiras e nem um olrecimento, nem um convite se dirigia ao altivo pequeno, que sózinho, se sentava a lêr a um canto.

Era numa quarta-feira.

algoria serena e os seus modos atreus conquistaram-lhe todas as simpatias.

A' hora do recreio, o seu grupo era sempre o maior, e, embora não fosse barulhento, as gargalhadas fervilhavam e divertiam-se todos de comum acôrdo, sem ralhos nem amuos.

Nêsse ano, no dia da abertura das aulas, Alberto chegou acompanhado por um velho criado e o professor designou-lhe o logar ao lado de Armando.

Este ficou aborrecido, pois antes desejava, em vez dêsse desconhecido, a companhia dum antigo camarada, mas como protestar contra uma ordem do professor?

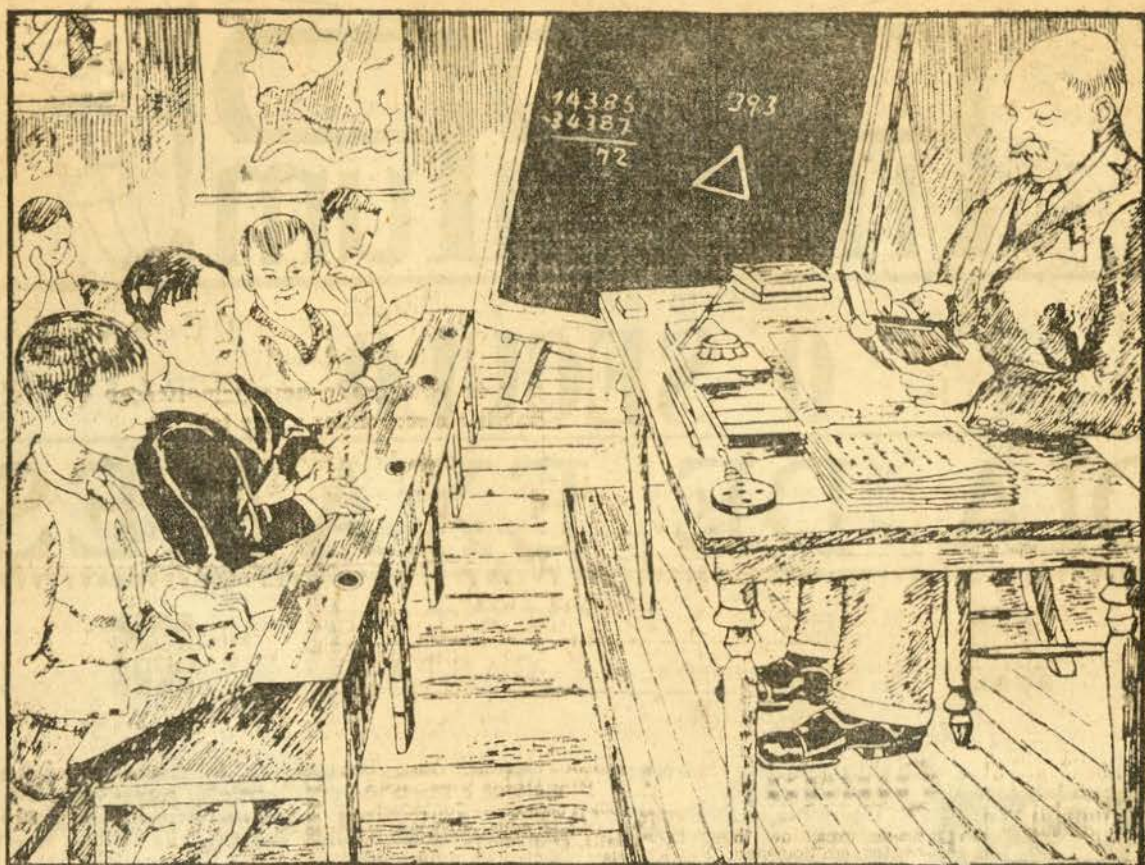
E Alberto, muito sério, muito indiferente, occupou o lugar que lhe tinham destinado, sem um sorriso para o seu companheiro, sem um olhar de simpatia.

Todos os dias, cillo que chegava á hora das aulas, acompanhado pelo criado velho, sempre vestido como um príncipe, com a sua pasta em couro castanho, os seus livros de estudo encaderna dos de marroquim vermelho, a caneta e lapizeira de prata, e lindos livros de histórias.

Armando, bom pequeno e muito amável, logo no primeiro dia lhe dirigira a palavra para o ensinar num problema bastante difficil em que o vira atrapalhado, mas Alberto ouvira-o em silencio, seguira os seus conselhos e nem lhe dissera em troca uma palavra de agradecimento.

Havia oito dias que frequentava a escola e todos os pequenos fugiam dele; trocavam os seus modos imperiosos e insolentes e nenhuma simpatia se sentira atraída para etc.





Armando chegara nesse dia mais cedo, e, sem perda de tempo, fizera as contas que estavam no quadro e dispunha-se a começar a cópia do colégio, quando Alberto entrou de mau humor, o sôbrolho carregado e gestos desdenhosos.

Sentou-se sem dar os «bons dias» ao companheiro de carteira e, com um profundo tédio, começou a rabiscar na pedra os algarismos que em traços brancos animavam o negrume do quadro. Armando olhou-o de soslaio; viu-o contar pelos dedos, apagar a tódo o momento, e, penalizado daquele embaraço, resolveu-se a falar-lhe.

— Se queres, podes copiar pela minha conta, que já está pronta e certa. Ofereceu amavelmente, entregando-lhe o caderno em que o outro fingiu nem reparar.

— Não preciso dos seus favores; foi a resposta fria e mal educada do outro pequeno.

Alberto olhou-o em silêncio e, encolhendo os ombros, segredou-lhe:

— Não sejas soberbo; isso não te acerta as contas, sabes? Metes-me pena com a tua toleima.

Alberto ergueu a cabeça com altivez e declarou em voz alta:

— Não costumo falar com rapazes tão ordinários como tu.

A sineta anunciando a entrada do professor, sufocou a tempo o côro indignado e exaltado dos outros pequenos que se mostravam dispostos a castigar o atrevido.

Durante essas três horas até soar meio-dia, em que duraram as lições, apenas se ouvia o rascar das canetas no papel, e o sussurrar dos pequeninos da classe infantil, na sala ao lado.

De vez em quando, um gesto de ameaça dirigia-se a Alberto e olhares, ora trocistas ora irritados, se cruzavam a tódo instante com o seu.

Como sempre, Armando soube a sua lição primorosamente e Alberto, ao ser chamado, protestou uma dôr de cabeça para não patentear a sua ignorância.

Souu a hora do recreio.

Um arrastar de bancos, precipitado e alegre, sucedeu ao silêncio da classe, e, em menos de dez minutos, tódos os garotos almoçavam na espaçosa sala de espera, com mezi-

nhas e cadeiras onde os amigalhões se agrupavam planejando brincadeiras.

Alberto sentou-se isolado, ao pé duma janela, e, duma elegante malinha de mão, tirou as «sandwichs» e as bolachas de que se compunha o seu almoço.

Armando comia alegremente, com apetite, e, passando dum grupo para o outro, apertava aqui uma mão, dava uma palmadela nas costas doutro pequeno, sempre acolhido com um gracejo e distribuindo a tódos um pouco do seu bom humor.

Sem reparar, chegou-se para junto da janela onde estava Alberto, o qual, num gesto de imenso desdém, se encolheu no seu canto como temendo a aproximação dum animal peçonhento.

— Não tenhas medo que não te como? gritou, rindo, Armando. Deves ser muito azedo?

Um côro de gargalhadas estalou espontaneamente. — Já cá faltava a piada da geral! retorquiu o outro, irritado.

Armando riu mais, e, encolhendo os ombros, respondeu placidamente:

— Tu já não és muito bonito, mas então quando te zangas, metes medo?

Alberto levantou-se irado, cresceu para Armando e, antes que êste tivesse podido defender-se, deu-lhe uma bofetada.

Tódos os condiscípulos, à uma, vieram em defesa do ofendido, desejosos de darem uma lição ao agressor, mas Armando, serenamente, afastou-os e, com bons modos, resolveu-os a deixar aquele caso com êle só.

Alberto esperava de braços cruzados que aquela onda se acalmasse e, com modos provocantes e trocistas, gritava de vez em quando:

E's tu valente, e ficas-te?

Armando aproximou-se dêle e, muito sério, respondeu:

— E' proibido jogar à pancada dentro da escola, não sei se sabes. Mas lá fóra, quando quizeres, estou pronto a dar-te a resposta.

O recreio passou menos calmo e alegre do que nos outros dias.

Aproximava-se a hora da saída. Nos bancos da aula, ia agora a costumada agitação, a impaciência de quem esteve tódo o dia encarcerado entre quatro paredes e vê, lá fóra, brilhar um sol dourado, num céu sem nuvens, lindo e muito azul, de quem vê próxima a hora da liberdade.

O professor sorria indulgentemente, fingindo não vê os sinais de inteligência que faziam uns aos outros, os segredos ditos disfarçadamente, enquanto o viam, a tódo o instante as horas no grande relógio redondo que estava pendurado sobre a sua secretária.

Mas enquanto punha os papeis em ordem e arrumava metódicamente os livros na estante que lhe ficava ao lado, não perdia de vista a aula.

Fôra informado do que se passara à hora do recreio e, conhecendo o gênio arrebatado de Armando, admirava-se de tanta placidez. Embora lhe agradasse a sua obediência às leis da escola, desejava que se mostrasse mais rapaz e menos prudente.

Não lho poderia dizer, não o faria, mas gostaria de saber que dera o devido correctivo ao irritante garoto que parecia sentir-se deslocado entre as outras crianças, como um rei entre mendigos.

Bateram, enfim, as quatro horas e o professor, pegando na sineta que descansava sobre um montão de cadernos na secretária, tocou as costumadas badaladas que anunciavam o termo das aulas.

Um ruído alegre, apenas contido pelo respeito que a presença do professor impunha, fez-se ouvir, e tódos os pequenos arrumaram as carteiras, guardaram os livros e cadernos nas pastas e malas, com uma azáfama enorme.

Quando a sineta voltou a tocar novamente, tódos se levantaram, e, apressadamente, foram apertar a mão ao professor que, junto da porta, se despedia dêles e fazia recomendações para o dia seguinte.

Quando chegou a vez de Armando, o dr. Bastos fez-lhe sinal para esperar.

Um amigo olhou-o significativamente, assustado, mas pronto a ficar a seu lado para o defender. Então, Armando sorriu-lhe muito sereno e dissuadiu-o com um gesto.

Tódos saíram da sala, deixando o professor e Armando sós.

Armando estava calmo, se bem que o coração lhe batesse com mais força e irregularidade no peito; tinha a consciência de não ter andado mal, tinha a censurar-se de ter metido a ridículo o companheiro, de o ter tornado o alvo da troça geral.

O professor observou-o em silêncio, disfarçadamente, enquanto fingia procurar um caderno sobre a secretária e, passados uns momentos, começou:

— Disseram-me que tiveste uma questão com o Alberto, à hora do almoço. E' verdade?

— E' sim, sr. doutor.

— E quem a provocou? perguntou o professor, olhando-o serenamente.

Armando còrou, mas não hesitou um segundo.

— Fui eu, sr. doutor? Provoquei-o sem querer; e, enchendo-se de corágem, contou tudo o que se passara, não omitindo uma palavra, procurando desculpar o acto de Alberto, e não negando que troçara dêle com o apoio e a aprovação de tódos os companheiros da aula.

O dr. Bastos admirava a franqueza e lealdade da narrativa e intimamente, sentia-se contente por poder juntar mais estas duas qualidades às outras, que o discípulo lhe deixara entrevêr em diversas ocasiões.

No entanto, fingiu-se zangado e, com o róstro cheio de falsa severidade, perguntou, fitando o pequeno perscrutadoramente.

— E porque não lhe bateste?

Armando ergueu os olhos francos e límpidos e respondeu logo:

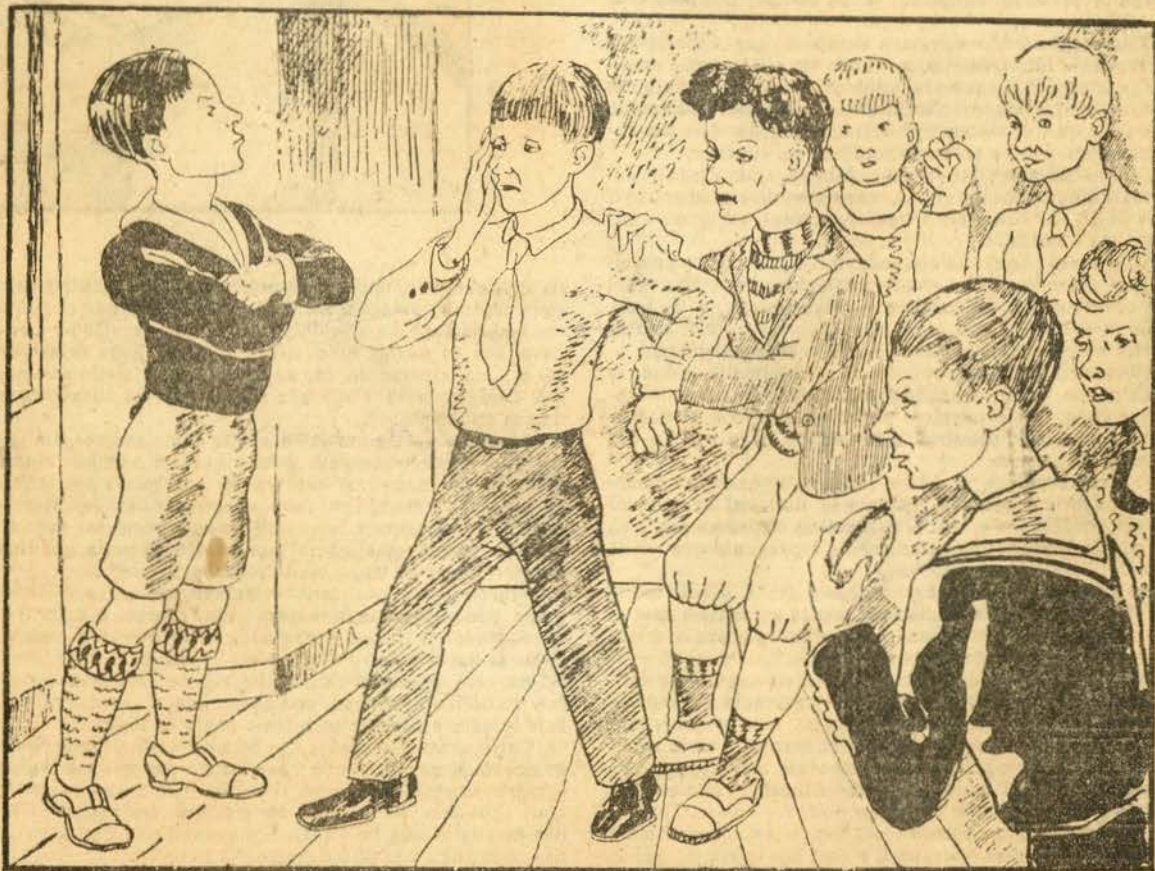
— Porque é proibido.

— Só? tornou o professor, cheio de dúvida.

Destá vez Armando baixou a cabeça e còrou intensamente, enquanto brincava com a ponta da gravata, entre embaraçado e contrariado.

— Só? repetiu o dr. Bastos, olhando-o com visível desgosto, julgando ter encontrado o ponto fraco daquela alma tão completa — a cobardia.

— E porque... êle é muito mais fraco do que eu! respondeu Armando em voz baixa, como que envergonhado da confissão.



Uma onda de alegria desanuviou o rosto do professor, e qualquer cousa como duas lágrimas, embaciou-lhe o brilho do olhar.

Num gesto espontâneo, estendeu a mão a Armando, e quando este, muito admirado, levantou a cabeça, foi para se sentir apertado de encontro ao peito do bom dr. Bastos. — É's um bom rapaz, é's um rapaz generoso! Procede sempre assim e terás sempre a minha amizade e aprovação de todos os homens de bem.

E, com um gesto comovido, acompanhou-o até à porta da aula.

Armando saiu estonteado, meio admirado daquela scena porque não esperava. Fizera aquilo porque pensava assim, mas nunca lhe passaria pela cabeça que o seu acto, que ele achava naturalíssimo, pudesse ser alchunhado de generoso.

Contente, apesar de tudo, por ter descoberto no professor um bom amigo, foi ao encontro dos condiscipulos que, ancios os, o encheram de perguntas.

Mas Armando, que aborrecia tornar-se alvo da atenção geral, disse ter sido repreendido por ter deixado enação o exercício que fizera de manhã.

A maneira natural e despreocupada como lhes falou convenceu-os e, em paz com a sua consciência, ponde ir para casa sem contar o que se passara.

II

O tempo passou; um mês, dois, três e fizera-se uma grande mudança em Alberto.

Não que fô-se mais cortez ou afável com os companheiros de estudo, que se tornasse mais agradável com os professores, mas tornara-se num bom estudante.

Este facto, que deveria causar grande alegria ao bom dr. Bastos, sempre pronto a ajudar os pequenos nos esforços que faziam para se instruir ou tornar melhores, mais o convencencia dos inúmeros defeitos que Alberto possuía.

E esse novo defeito que lhe descobrira era a — Inveja? Cheio de emulação pela inteligência de Armando, pelo triunfo que alcançavam as suas lições, sempre impecavelmente sabidas, ferido na sua vaidade pelo elogio que os professores e o próprio director fazia à applicação do seu condiscipulo, resolveu entranhar-se no estudo, competir com ele.

O que todavia não devemos ocultar é que Alberto era imensamente inteligente, e, no fundo do seu coração estragado pelo meo e pelas tulas adulações dos seus, havia um tesouro de qualidades adormecidas sob um entranhado egoismo, e que, se fossem aproveitadas, fariam dele um excelente pequeno e, mais tarde, um homem superior.

Em poucos meses, Armando e Alberto eram os dois alunos mais adiantados da classe, caprichando em apresentar todos os dias as lições mais bem estudadas, os livros e cadernos mais cuidados.

No entanto, Armando continuava sempre a ser o primeiro, pois, mais metódico, mais metucioso, estudava com mais consciência, procurando compreender, acima de tudo, aquilo que lhe explicavam ou que lia, em vez de se limitar a meter na cabeça, datas históricas e regras gramaticais.

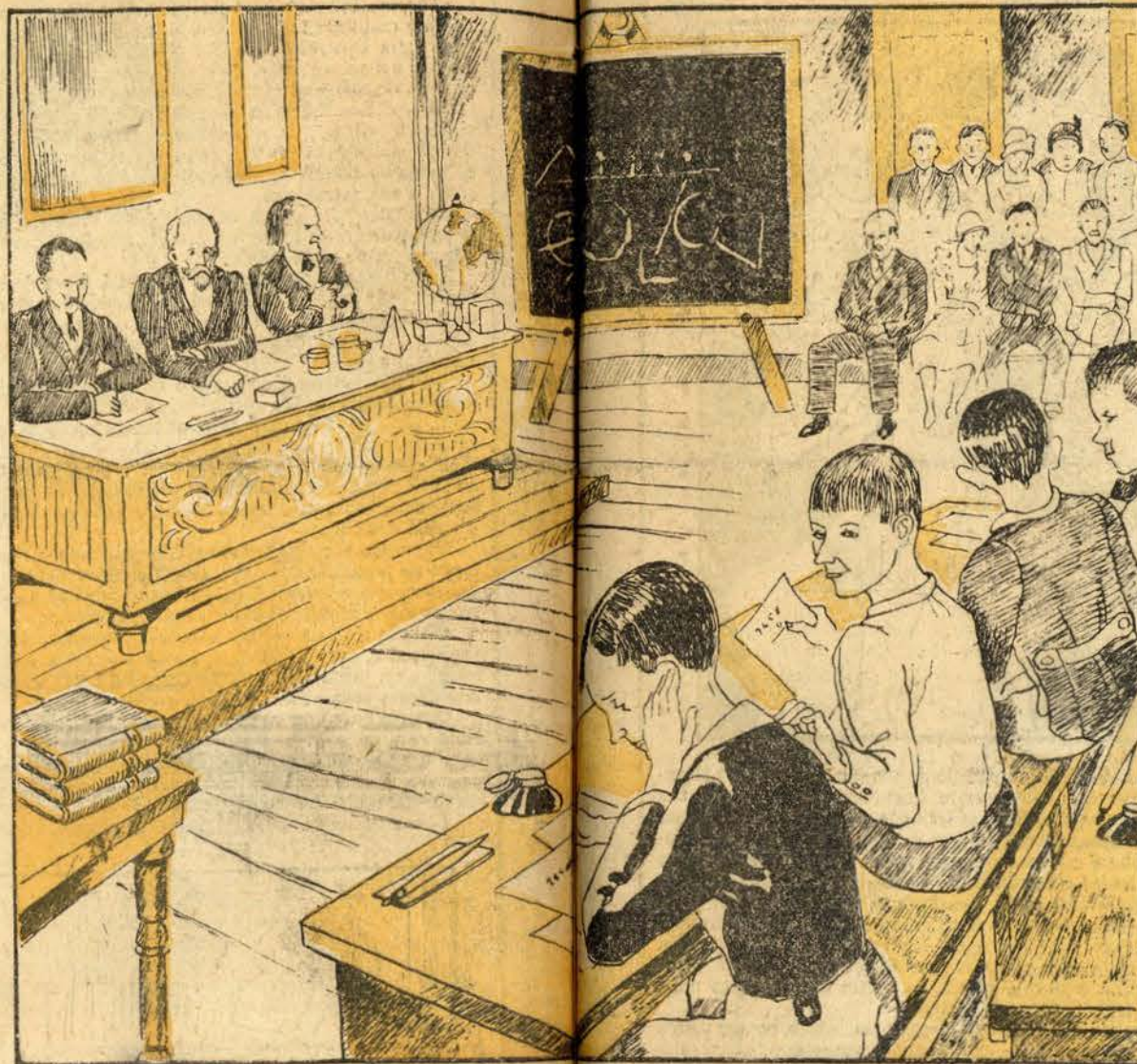
Alberto era mais nervoso, mais inconsequente, estudava tudo à pressa, no ar, sabendo tudo de cór com uma memória que chegava a espantar o professor, mas sem se dar ao trabalho de querer penetrar a verdadeira significação das cousas que aprendia.

Se o reprendiam, se estava zangado, se qualquer coisa mais forte o abalava, possuía se dum tal nervosismo que parecia alheado e, embora tivesse as lições na ponta da língua, não respondia acertadamente à pergunta que se lhe fizesse.

As simpatias que grangeava, continuavam sendo muito poucas e se bem que se mostrasse menos autoritário com os outros pequenos, o seu imenso orgulho colocava-o muito acima dos seus companheiros de escola.

Os seus modos eram irónicos, irritantes quando se dirigia a Armando, mas este, com a sua paciência e serenidade verdadeiramente notáveis, ria-se das suas saídas, dos seus modos de galo brigão e ninguém levava a sério aquelas contendas que quasi sempre acabavam em alegres gargalhadas, com raiva e desespero de Alberto, por ficar humilhado e vexado diante de todos.

Aproximava-se a época de exames, o estudo era mais severo, mais as horas das aulas, e uma atmosfera de ansie-



dade, de receio, oprimia os pequenos que durante o ano tinham perdido a confiança que d'positava n'ele, se mostrava recessa, e dormiu na noite tão bem, tão descuidado, como se nos dias seguintes nada viesse de anormal.

Todas as tardes o professor fazia recomendações aos alunos, explicava-lhes os pontos mais difíceis, e até duas vezes por semana lhe fazia uma espécie de exame, para tirar o medo aos mais timoratos e dar coragem para a «grande prova» que em breve teriam de prestar da sua applicação.

Armando estava calmo e alegre como sempre, tinha a consciência de saber o suficiente para passar o exame com boa classificação, mais modesto por natureza, em vez de apregoar a sua sabedoria, ajudava os outros condiscipulos com as suas explicações, tirava-lhes o medo com a sua coragem e fazia alegremente projectos para o ano seguinte, quando todos comessem com os estudos mais adiantados, o *estudo a valer*, como elle dizia muito soberbo.

Alberto, pelo contrario, ostentava um ar superior e victorioso de quem pode esmagar tudo com a sua sciencia, e dizia ir com o mesmo «à vontade» a mesma serenidade para o exame com que, à quarta-feira, ia assistir às «matinées» do Tivoli ou S. Luiz.

As suas bravatas valiam-lhe risos e respostas desagradáveis, mais elle, indifferente ao que pudessem pensar, continuava a gabar a sua intelligencia e a dizer-se o mais sábio de todos.

Comecaram os exames. No primeiro dia alguns companheiros dos nossos dois heróis, foram chamados a dar as suas provas e Armando sempre prudente, embora soubesse não fazer exame por é'ses dias, mais proximos foi assistir aos exames dos amigos, tomando seções nas perguntas que lhes faziam e procurando certificar-se se seria não capaz de fazer boa figura.

Bem humorado, foi para casa sossegando a mãe que apesar-de a confiança que d'positava n'ele, se mostrava recessa, e dormiu na noite tão bem, tão descuidado, como se nos dias seguintes nada viesse de anormal.

Outro tanto não aconteceu com Alberto. Os tremores da mãe, as recomendações da avó, as ameaças do pai, ameaças tardias, não só lhe tiraram o sono como a serenidade. No dia seguinte, dia do seu exame, acordou pálido e olheirento, um sono cortado de pesadelos e mal estar, vestiu se à pressa, ancioso e assustado, como quem vai para um suplicio.

A mãe despediu-se dele, desfeita em lágrimas, a avó, muito comoda, mas mais serena, recomendou-lhe calma e sangue frio, mas o estragou tudo com a ameaça de o levantar pelas crelhas se viesse para casa... na companhia duma *roposa*.

Armando e o dr. Bastos, com alguns rapazes da escola que iam fazer exame esperavam também, mas com mais serenidade do que os animados com as recomenções do dr. Bastos, que, cheio de bom humor os encorajava e punha à vontade. Chegaram os examinadores; entraram para a sala confígua e um minuto entrou chamando, em voz alta, os pequenos que iam fazer exame.

Alberto estremeceu violentamente ao ouvir o seu nome e encaminhou-se, lentamente, para o grupo formado pelos condiscipulos.

Armando sorriu aos amigos, apertou-lhes a mão energeticamente mas estremeceu, de surpresa, ao ouvir entre os outros — o seu nome.

Não estava preparado, não trouxera caneta, papel, não prevenira em casa, e antes de se juntar aos amigos que riam encantados com aquele inesperado acontecimento, foi falar baixo com o dr. Bastos.

Emprestaram-lhe tudo o que necessitava, e Armando com o coração a bater nervosamente, mas sereno, entrou com os outros na sala de exames.

Era uma sala enorme, com muitas carteiras de dois lugares, mapas nas paredes, a mesa dos examinadores s'obre um comprido estrado, um quadro preto a um canto junto duma janela, e, sobre uma mesa, medidas de litro, em metal, medeira, pesos, figuras geométricas e um glóbo.

Final, a sala era na vulgar aula, o sol entrava alegremente por duas amplas janelas e, descansado, refeito da primeira comecção, Armando olhou em roda os rostos dos outros companheiros com simpatia.

Alberto, por designios do Destino, era seu vizinho de carteira na sala, longe de se parecer com o mesmo pequeno arrogante e orgulhoso dos últimos dias, estava pálido, trémulo, visivelmente agitado e nervoso.

O mesmo continuo que fizera a chamada entregou a cada um deles um sobrescrito contendo uma conta, um exercício de gramática, um problema, um ponto escrito e um desenho.

Não se ouviu mais nada na grande sala. Era um silencio pesado, ameaçador, feito de ansiedade e de vontade de vencer.

Armando, à vontade, fez a conta, o desenho, escreveu a carta que lhe calhou no ponto, o exercício gramatical, e dispunha-se a comecar o problema, que achava facilimo, quando olhou para o seu vizinho.

Com a mesma desenvoltura, Alberto fizera tudo, mas a conta parecia dar-lhe serios cuidados, Rabiscava nervoso, contava disfarçadamente pelos dedos, corava e descorava, mas, metido no seu silencio hostil, nem voltava sequer a cabeça para o lado.

Armando terminou o problema com todo o sossego, descansadamente, sabendo que tinha muito que esperar até que expirasse o tempo que tinham prescrito.

Alberto acabara a conta com um grande suspiro de alívio mas desta vez, parecia perplexo com o problema.

Não percebia nada do que lia, agitava-se no banco, como se este fosse de ferro e estivesse em brasa, e, por fim, depois de ter apertado a cabeça com as mãos, alitivamente, deixou-se ficar imóvel, olhando o papel de cobrado em sua frente, perfeitamente desalentado.

Dois lágrimas enormes, assomaram-lhe nos olhos. Armando viu essas lágrimas e estremeceu.

Esqueceu as culpas do condiscipulo, aquela bofetada que ficara sem resposta, todas as partidas de que fôra alvo, para só se lembrar que elle sofrira, que, decerto, perderia o ano e pensou na tristeza dos seus, se tal lhe acontecesse.

— Não fazes o problema? perguntou timidamente.

— Não percebo nada, parece que nunca estudei isto; não me lembro de nada, de nada: foi a resposta alitiva.

Então, Armando olhou em redor, para se certificar que ninguém os observava, e, lendo por cima do ombro de Alberto, deu-lhe daí a momentos, em voz baixa, a solução do problema.

Alberto escreveu hesitante, tremendo-lhe a mão convulsivamente e, depois de ter assinado o seu nome, limpou o suor que lhe humedecia a testa e as lágrimas que lhe embaciavam o rosto.

Por um esforço de vontade, digno de elogio, reprimiu os soluços que, em tropel, lhe oprimiam o peito.

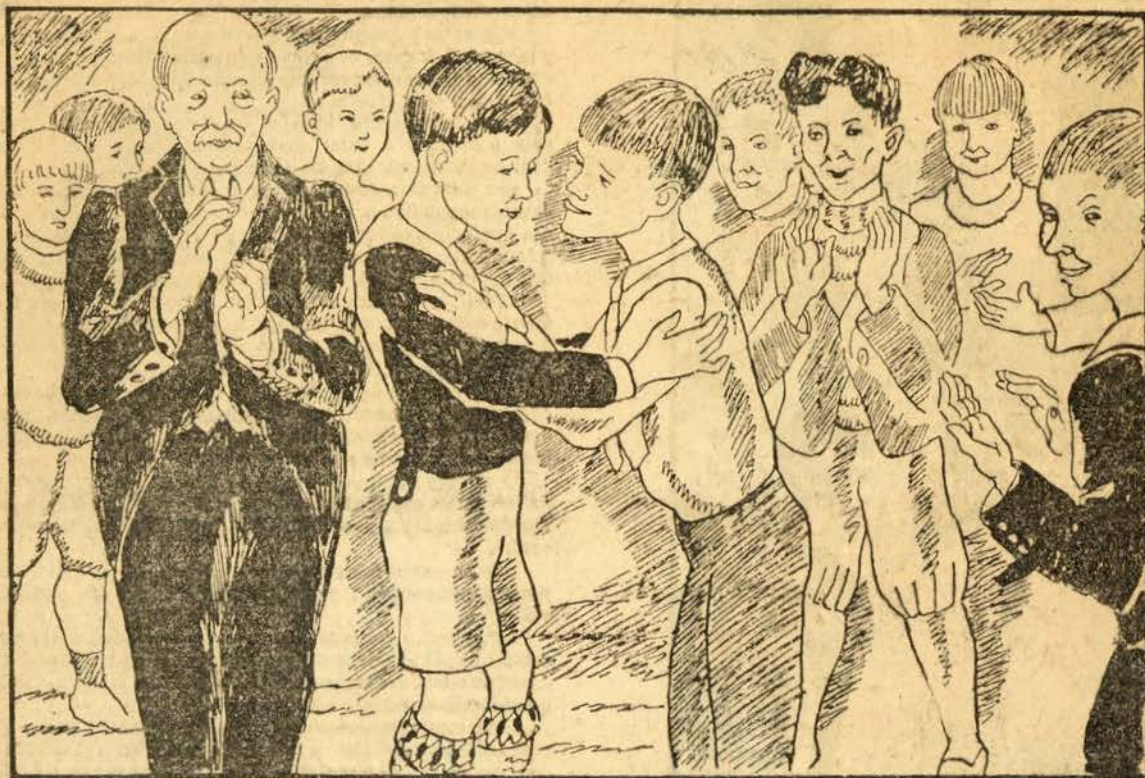
Armando não esperava agradecimento algum. Conhecia-o bem demais para o compreender que aquele acto, em vez de o aproximar, o afastava ainda mais, pois decerto acabava de o ferir no seu orgulho e vaidade.

Não trocara mais uma palavra naquele dia.

Quando, no dia seguinte, terminaram os exames, Alberto estava completamente calmo e sereno, certo de que ficaria aprovado pois que o seu exame decorrera bom, muito bom mesmo, com grande alegria do dr. Bastos que, de longe lhe sorria encorajando-o com o olhar.

A prova oral corcera lindamente, respondeu bem, mostrando a segurança das respostas que sabia o que dizia.

Mas ainda dessa vez, Armando fôra o primeiro. O seu exame fôra lido, o mais brilhante daquele ano, diz am as



peessoa que tinham assistido a elle; respondera tão inteligentemente, explicando as cousas com tanta clareza, sem se intimidar com as perguntas cerradas, difíceis, dos examinadores, que todos esperavam por uma *distinção*.

* Estavam todos na sala de espera, alunos e professores, e as pessoas de familia que tinham vindo acompanhar os pequenos, agrupavam-se, falando em voz baixa, cheios de ansiedade.

Entanto, a porta abriu-se e chegaram as boas novas.

Todos aprovados, e apenas duas distincções:— Alberto e Armando. O primeiro com 14 valores; o segundo com louvor e a classificação máxima de 20 valores.

Um sussuro de alegria espalhou-se no ar, e aqui e ali gargalhadas nervosas, cheias de alegria, beijos e abraços.

O dr. Bastos acercou-se de ambos e depois de os ter apertado de encontro ao peito num enérgico abraço, propôs que fizessem as pazes.

E, então, ante o espanto geral, Alberto adiantou-se para Armando e, cheio de comoção exclamou:

— Se fiquei distincto, se passei no meu exame, a ti o devo? e ante a surpresa de todos, muito comovido mas com entusiasmo, contou tudo o que se passara, o acto cheio de grandêsa do seu companheiro de carteira, a sua modéstia e bondade, e como, fortalecido pelo arrependimento das suas culpas passadas, formara tenção de se confessar diante dos seus condiscipulos, a quem tantas vezes tinha molestado.

Quando terminou havia lágrimas em todos os olhos e mais ainda, quando num gesto simples, mas cheio de nobreza estendeu a mão a Armando, dizendo em voz alta e cheia de firmeza:

— Peço-te perdão, Armando!

Armando ouvira tudo, córado, envergonhado, protestando contra os elogios, e ao ouvir a declamação de Alberto cafi-lhe nos braços, rindo e chorando, entre uma salva de palmas dos espectadores desta scena. Quasi morreram asfixiados pelos abraços dos outros pequenos todos, que queriam provar a sua aprovação pela amizade que se acabava de firmar com tanta emoção.

Quando estavam quasi sós, o dr. Bastos, que esperava pacientemente a sua vez de os felicitar, acercou-se de ambos e só achou estas palavras, repassadas de ternura e molhadas de lágrimas:

— O teu acto foi lindo, Armando, digno de todas as tuas boas qualidades, e dos maiores elogios, mas o teu Alberto, não foi menos belo. A tua confissão, a apologia que fizeste

do teu condiscipulo, o pedido de perdão, em público, diante daqueles que tanta vez te troçaram, foi nobre, foi um acto digno duma alma bem formada, dum coração generoso.

Sejam sempre bons amigos, porque são dignos um do outro, e tenho a certeza que, mais tarde, daqui a muitos anos, quando forem dois homens, abençoarão o acto que os aproximou. Se tivesse filhos, desejaria que fôsem assim! — exclamou rindo, enquanto duas grandes lágrimas corriam pelas suas faces, lágrimas que o não envergonharam porque vinham do melhor, do mais puro do seu coração.

E, desde esse dia, nunca se viram dois rapazes mais amigos, mais leais, mais unidos.

Hoje, são dois homens, trabalham, afasta os um pouco as exigências da Vida, mas quando se encontram, quasi sempre à noite, têm sempre cousas alegres e boas para recordar o tempo em que eram dois garotos de calção, companheiros de carteira, de estudo, em que faziam tão engraçadas partidas tão divertidas brincadeiras.

Um bom amigo vale muitas vezes, mais do que o maior tesouro.

F I M

H O R A D E R E C R E I O

Solução dos enigmas anteriores

Mais vale pão duro do que figo maduro.

Mais vale andar só que mal acompanhado.

Mais vale ser pobre e livre que rico e escravo
ser.

O MENINO PERDIDO

NOVELA INFANTIL por Augusto de Santa-Rita — (Conclusão)

NO dia seguinte o Dr. Jorge de Olivete chegava, também, ao solar, no desejo de abraçar de novo sua avó e irmã e, muito principalmente, no louco anseio de tornar a vêr Rosa.

E, mais uma semana decorrida, fácil se tornava observar, através de certa janela aberta de par em par, por quentes tardes de Agosto, Rosa noivando em doce idílio com Jorge, enquanto, noutro recanto da sala, António e Fina cochichavam, também, seus segredos de amor, já em pleno noivado.

Era em casa de Rosa, que abandonara para sempre a sua vida de teatro, que António e Fina noivavam.

Todas as tardes, logo após o almoço, Josefina para lá se dirigia, com os seus vestidinhos leves em cor de rova, azul pálido ou beije, seu chapelinho de palha de Itália, enfeitado com fitas da mesma cor, sombrinha de ramagens, cestinho de costura e peças de roupa, rendas e bordados para o lindo enxoval que já trazia entre mãos.

Jorge acompanhava-a. Guiado por igual sentimento e com igual ansiedade, entravam ao mesmo tempo, saudavam os respectivos pares, apertavam-se ternamente as mãos, sentavam-se e ficavam-se entregues, rendidos, aos seus belos projectos e ideais de Amor.

Por vezes, ao fim da tarde, a avó de Jorge e Fina aparecia também, com um sorriso a aflorar-lhe na boca enrugadinha e abençoando as doces perspectivas dos próximos enlaces que a tornariam, em breve, duas vezes avó.

Rosa era sempre a primeira a acorrer à sua aparição. Já lhe caíra em graça. A sua docilidade e a sua tão franca fisionomia impuzera-a de tal forma à Senhora Condessa — como ela respeitosa a tratava — que esta, constantemente, a interrogava interessada: — «Então, já está destinado o grande dia...?»

Finalmente, Rosa, adivinhando-lhe a intenção, respondia-lhe, agora, categoricamente: — «Está sim, Senhora Condessa. Acabámos há dez minutos de fixar a feliz data do nosso duplo enlace. Daqui a vinte dias, no dia dos seus anos.

— «Será, então, o meu mais festivo aniversário!» exclamou, sorridente, e beijando-os, a doce velhinha que, embora preconceituosa, era dotada dum coração bondoso e transigente.



Efectivamente, vinte dias passados, em linda manhã de Setembro, no antigo solar da grande quinta do Arco, ia uma alegre azáfama de preparativos.

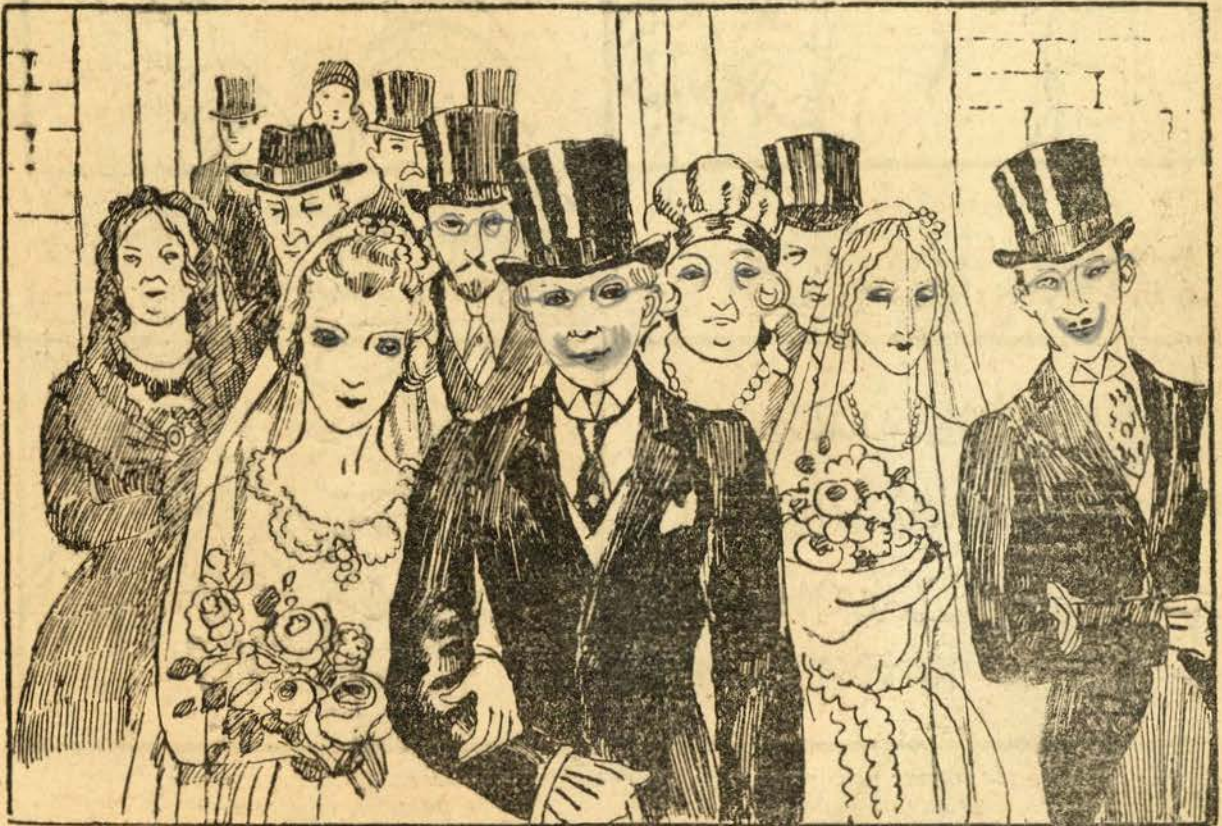
Uma enorme fila de automóveis serpenteava ao portão da grande quinta. Convidados de ambos os sexos, em traje de cerimónia — (casacas, fardas, decotes) — transpunham, constantemente, o amplo portão gradeado, aberto de par em par.

Dez minutos após, entravam novamente para os respectivos carros, seguindo com o olhar Josefina e Rosa, as quais, arrastando seus longos e diáfanos mantos de noiva, entravam também para os seus automóveis engrinaldadas de cravos e rosas brancas.

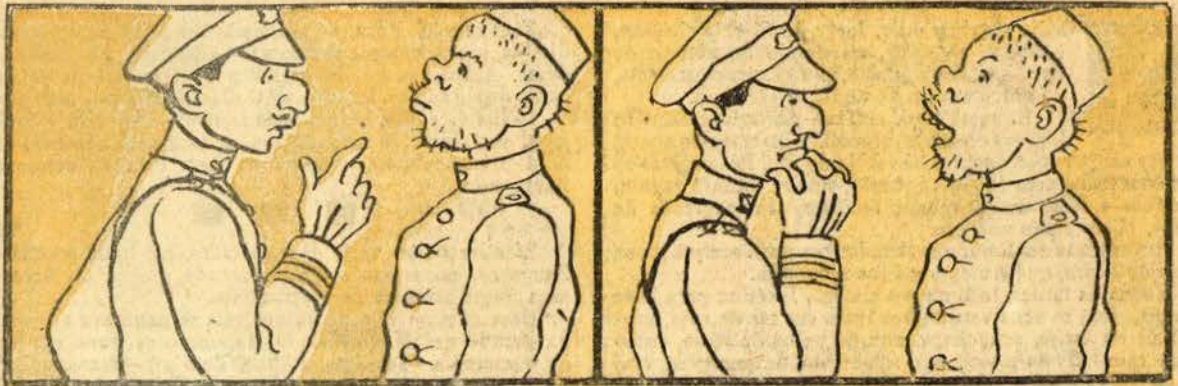
Mais dez minutos decorridos, na linda igreja matriz, em fronteiros altares, efectuava-se a dupla cerimónia nupcial que para sempre uniria os dois venturosos pares.

E em doce lua de mel os dois casais partiram para Veneza, na Itália, donde regressaram, ao fim de um mês, fixando residência em Lisboa, na Avenida da Liberdade e onde hoje vivem imensamente felizes.

Rosa e Jorge têm já uma filhinha encantadora e Josefina e António um pequerrucho amoroso, de quem Rosa é, simultaneamente, avó, tia e madrinha.



GALUCHO LETRADO



O tenente Pais Capucho, desejando um imediato, mandou chamar um galucho que fosse um pouco instruído.

— «Tu sabes ler e escrever?!»
É o galucho, «in-co-tinente», respondeu — «eu, mo-ri tenente, escrevo... mas não sei ler!»



— «Essa agora!» — (retorquia o tenente, às risadinhas) — escreve lá quatro linhas, p'ra ver a caligrafia».

Entanto, puxando os punhos, mostra-lhe a escrita o galucho;
— «Isto são só gatafunhos!...»
Brada o tenente Capucho.



— «Grande lórpa; pelo visto, sabes menos que disseste! Não percebo nada disto; explica-me o que escreveste!»

Volve, então, a gaguejar, o galucho, com receio:
— «Como é que eu hei-de explicar se escrevo bem mas não leio?!»